

Garth Risk Hallberg

CIDADE  
EM  
CHAMAS

Tradução  
*Tânia Ganho*

teorema



# ÍNDICE

|           |  |     |
|-----------|--|-----|
| LIVRO I   | <b>Encontrámos o Inimigo e o Inimigo Somos Nós</b>                                   | 1   |
|           | INTERLÚDIO O Negócio da Família  |     |
| LIVRO II  | <b>Cenas da Vida Privada</b>   | 161 |
|           | INTERLÚDIO Os Artesãos do Fogo, PARTE 1  |     |
| LIVRO III | <b>Liberty Heights</b>   | 321 |
|           | INTERLÚDIO A Impossibilidade da Morte na Mente de Qualquer Pessoa Viva neste Momento |     |
| LIVRO IV  | <b>Mónades</b>   | 565 |
|           | INTERLÚDIO Ponte e Túnel   |     |
| LIVRO V   | <b>O Irmão Demoníaco</b>   | 695 |
|           | INTERLÚDIO «Provas»  |     |
| LIVRO VI  | <b>Três Tipos de Desespero</b>   | 781 |
|           | INTERLÚDIO Os Artesãos do Fogo, PARTE 2  |     |
| LIVRO VII | <b>Na Escuridão</b>  | 839 |



## Prólogo

Em Nova Iorque, podemos encomendar seja o que for, que nos traze tudo a casa. Pelo menos, é por esse princípio que me estou a reger. Estamos a meio do verão, a meio da vida. Encontro-me num apartamento deserto na Rua 16 Oeste, a ouvir o plácido zumbido do frigorífico na assoalhada ao lado e, embora este contenha apenas meio pacote mesozoico de manteiga que os meus anfitriões deixaram para trás quando partiram para a beira-mar, dentro de quarenta minutos posso estar a comer mais ou menos tudo o que desejar. Quando era novo – mais novo, melhor dizendo –, até drogas se podiam encomendar ao domicílio. Cartões de visita com um número a começar por 212 e aquela solitária palavra, *entregas*, ou, mais comumente, uma treta qualquer sobre massagens terapêuticas. Nem acredito que me tinha esquecido disto.

Mas, enfim, a cidade está diferente, ou as pessoas querem coisas diferentes. Os arbustos que ocultavam as transações de mão para mão em Union Square já não existem e o mesmo aconteceu às cabinas telefónicas de onde ligávamos ao nosso traficante. Ontem à tarde, quando fui até lá a pé para espairer, estavam uns bailarinos de dança moderna a animar as hostes em câmara lenta, à sombra das árvores revitalizadas. Havia famílias ordeiramente sentadas em mantas, a uma luz cor de vinho. Estou constantemente a ver coisas destas em toda a parte, arte pública difícil de distinguir da vida pública, carros às pintinhas a deslizarem ao longo de Canal Street, quiosques de jornais envoltos em fitas, como prendas. Como se até os sonhos pudessem ser enumerados como opções no cardápio das experiências disponíveis.

Estranhamente, porém, o que este racionalizar de todo e qualquer desejo acaba tendencialmente por fazer, o excesso de excessos desta cidade de hoje, é lembrar-nos de que aquilo de que realmente estamos sedentos é tudo menos o que encontramos *lá fora*.

Aquilo de que eu, pela minha parte, tenho andado sedento, desde que cá cheguei, há seis semanas, é sentir um determinado estado de espírito. Na altura, não teria sido capaz de exprimir esse sentimento por palavras, mas agora acho que é algo semelhante à sensação de as coisas ainda poderem mudar a qualquer instante.

Em tempos, fui um filho da terra – saltava por cima dos torniquetes do metro, remexia os caixotes do lixo à procura de coisas que ainda tivessem serventia, dormia em estranhos telhados na baixa – e essa sensação era a nota que dava tom à minha vida. Hoje em dia, quando ela me assola, é apenas por brevíssimos instantes. Ainda assim, aceitei tomar conta deste apartamento durante o mês de setembro, na esperança de que isso seja suficiente. Tem a forma de um daqueles blocos de empilhar dos primeiros jogos de vídeo: quarto e sala de estar na parte da frente, depois sala de jantar e quarto principal, com a cozinha na ponta como uma cauda. Enquanto me debato à mesa da sala de jantar com estes comentários introdutórios, o crepúsculo adensa-se do lado de fora das janelas altas, fazendo com que os cinzeiros e os documentos que se empilham à minha frente pareçam de outra pessoa qualquer.

O meu lugar preferido de todos, porém, fica para lá da cozinha, passando por uma porta lateral: um alpendre empoleirado em estacas tão altas que parece que estamos em Nantucket. Madeiras de um verde-banco-de-jardim e, lá em baixo, um tapete de folhas de dois gincgos escanzelados. «Pátio» é a palavra que me apetece usar, embora «conduta de ar» também possa funcionar; os prédios altos de apartamentos emparedam o espaço de maneira que mais ninguém tem acesso a ele. Os tijolos brancos da parede em frente estão a descascar e, ao entardecer, nos dias em que estou a dois passos de desistir por completo do meu projeto, venho sentar-me aqui fora a ver a luz trepar e suavizar-se, enquanto o sol desliza ao longo de mais um céu sem chuva. Deixo o telemóvel tremer no bolso e observo as sombras dos ramos a esticarem-se na direção do azul distante, atravessado pelo rasto cada vez mais gordo de um avião. As sirenes e buzinas e rádios que chegam até mim, vindos das avenidas, são como recordações de sirenes e buzinas e rádios. Por detrás das janelas de outros

apartamentos, acendem-se televisores, mas ninguém se dá ao trabalho de fechar os estores. E começo a sentir, uma vez mais, que as linhas que compartimentaram a minha vida – entre passado e presente, exterior e interior – se estão a dissolver. Que eu próprio posso ainda ser libertado.

Não há nada neste pátio, no fim de contas, que não estivesse cá em 1977; talvez não seja este ano e sim esse outro e tudo o que se segue ainda esteja por vir. Talvez um *cocktail* Molotov esteja a riscar a escuridão, talvez o repórter de uma revista atravesse a correr um cemitério; talvez a filha do artesão do fogo continue empoleirada num banco coberto de neve, insistindo na sua vigília solitária. Porque, se as provas apontam para alguma conclusão, é para a de que não existe uma só Cidade unitária. Ou, se existe, é a soma de milhares de variações, todas elas rivalizando pelo mesmo lugar. Às tantas, eu é que gostaria que assim fosse; no entanto, não posso deixar de imaginar que os pontos comuns entre este lugar e a minha cidade perdida não sararam na totalidade e deixaram as cicatrizes que procuro, palpando, quando lanço a cabeça pela escada de incêndio acima, em direção ao quadrado azul de liberdade mais além. E tu, aí fora, não estás tu de alguma maneira aqui mesmo, comigo? No fim de contas, quem é que não continua a sonhar com um mundo que não este? Quem de entre nós – se isso significa abdicar da insanidade, do mistério, da beleza completamente inútil do milhão de Nova Iorques outrora possíveis – está pronto, mesmo nos tempos que correm, para desistir da esperança?



LIVRO I

ENCONTRÁMOS O INIMIGO  
E O INIMIGO SOMOS NÓS<sup>1</sup>

[ DEZEMBRO DE 1976 – JANEIRO DE 1977 ]

*A vida na multidão crispou a minha noite;  
o beijo da morte, o abraço da vida.*

Television,  
«Marquee Moon»

<sup>1</sup> Famosa frase tirada de *Pogo*, uma banda desenhada satírica de Walt Kelly, publicada nos Estados Unidos; a frase parodia uma mensagem enviada em 1813 por Oliver Perry ao general William Harrison, depois de uma importante vitória sobre a Marinha Real Britânica, dizendo: «We have met the enemy and they are ours.» (*N. da T.*)



# 1

**U**ma árvore de Natal vinha a subir a Décima Primeira Avenida. Ou melhor, a tentar subir; tendo-se emaranhado num carrinho de compras que alguém abandonara na passadeira, estremecia, eriçava-se e ofegava, prestes a pegar fogo. Ou, pelo menos, foi essa a sensação que Mercer Goodman teve, enquanto se esforçava por resgatar a coroa da árvore da grelha amolgada do carrinho. Ultimamente, tudo estava por um fio. Do outro lado da rua, o cais de cargas e descargas tinha manchas carbonizadas no sítio onde os loucos da zona acendiam fogueiras à noite. As prostitutas que ali apanhavam sol durante o dia observavam-nos por detrás de óculos escuros comprados por tuta e meia e, por um instante, Mercer teve plena consciência do seu aspeto: um negro de bombazina e óculos a fazer de tudo para recuar, enquanto, na outra ponta da árvore, um rapaz branco e desgrenhado, de blusão de motoqueiro, tentava puxar o tronco para a frente aos sacões e o carrinho das compras que se lixasse. Depois, o semáforo mudou de *PARE* para *ATRAVESSE* e, miraculosamente, através de um misto de puxa-empurra, conseguiram soltar-se.

– Eu sei que estás irritado – disse Mercer –, mas podias tentar não ser brusco?

– Estava a ser brusco? – perguntou William.

– Está toda a gente a olhar por tua causa.

Como amigos, ou inclusive como meros vizinhos, eram uma parrelha improvável e talvez por isso o indivíduo que geria a venda de árvores dos escuteiros junto do acesso ao Lincoln Tunnel se tivesse mostrado tão hesitante em tocar no dinheiro deles. Também por esse motivo Mercer nunca poderia ter convidado William para ir a casa dos pais conhecer a família e, por conseguinte, tinham de passar o

Natal sozinhos. Bastava olhar para eles, o burguês castanho e pastoso e o *punk* pálido e seco, para perceber: que outra coisa senão o poder oculto do sexo poderia ter unido aqueles dois?

Foi William quem escolheu o maior pinheiro que havia à venda. Mercer urgira-o a ter em conta o estado do apartamento, a rebentar pelas costuras, e a distância de meia dúzia de quarteirões entre a venda e o prédio, mas aquela era a maneira de William o castigar por se ter atrevido a querer uma árvore de Natal. Tirara duas notas de dez do maço que levava no bolso e anunciara sardonicamente, e suficientemente alto para que o tipo das árvores o ouvisse, *Eu levo o rabo*. Por entre as nuvens de vapor da sua respiração, acrescentou:

– Sabes que Jesus nos teria lançado aos dois para dentro de uma fornalha incandescente. Vem... no Levítico, algures, se não me engano. Não vejo qual é a lógica de um Messias que nos manda para o inferno.

Isso não é do Levítico, poderia Mercer ter protestado, além do mais não pecamos juntos há semanas, mas era imperativo não morder o isco. O chefe dos escuteiros estava uns escassos cem metros atrás deles, no fim de um rasto de agulhas de pinheiro.

Aos poucos, os quarteirões foram-se despovoando. O bairro de Hell's Kitchen àquela hora era quase só lotes cheios de lixo e *chassis* de automóveis avariados, com um ou outro homem armado de esponja para limpar os para-brisas dos carros que passavam. Era como se tivesse rebentado uma bomba e restassem apenas os proscritos, o que deve ter sido o grande atrativo do bairro para William Hamilton-Sweeney, por volta do final dos anos 60. Na realidade, tinha mesmo rebentado uma bomba, uns anos antes de Mercer se mudar para lá. Um grupo com um daqueles acrónimos retorcidos de que ele nunca se conseguia lembrar tinha mandado um camião pelos ares, à porta da última fábrica em funcionamento, abrindo caminho para mais *lofts* desconjuntados. O edifício onde eles viviam tinha, numa vida anterior, fabricado rebuçados de mentol da marca *Knickerbocker*. Em certas coisas, pouco mudara: a passagem de comercial para residencial fora feita às três pancadas, provavelmente de forma ilegal, e deixara uma poeira residual incrustada entre as traves do soalho. Por mais que se esfregasse, persistia sempre um cheiro enjoativo a hortelã-pimenta.

Como o monta-cargas estava avariado outra vez, ou ainda, demoraram meia hora a subir os cinco lanços de escadas com o pinheiro. William ficou com o blusão cheio de resina. As telas dele tinham migrado para o *atelier* no Bronx, mas, apesar disso, o único espaço

que havia para a árvore era à frente da janela da zona da sala de estar, onde os ramos tapavam o sol. Mercer, já prevenido disso, colocara na bancada algumas provisões para animar as coisas – luzes para fixar na parede, um pano decorativo para a base da árvore e uma embalagem de gemada sem álcool –, mas William ignorou-as e sentou-se, amuado, no *futon*, a comer gomas de uma taça, com *Eartha K.*, a gata, empoleirada no peito, toda satisfeita.

– Pelo menos, não compraste um presépio – disse ele, o que magoou Mercer, em parte, porque estava nesse instante a vasculhar debaixo do lava-louça, em busca das figurinhas dos reis magos que a mãe tinha enviado na sua encomenda.

O que encontrou em vez delas foi a pilha de correio, que era capaz de jurar que tinha deixado de manhã, bem à vista, em cima do radiador. Normalmente, Mercer não teria tolerado tal coisa – era incapaz de passar por uma das bolas de pelo de *Eartha* sem ir buscar a pá e a vassoura –, mas um certo envelope por abrir estivera ali a supurar durante uma semana, entre os segundos e terceiros avisos da Americard Family of Credit Cards, passe a redundância, e tivera esperança de que esse fosse finalmente o dia em que William abrisse os olhos e o visse. Reorganizou a pilha para que o dito envelope ficasse no cima. Voltou a pousá-la no radiador, mas já o seu amante estava a levantar-se para deitar gemada sobre o monte de gomas verdes, como se fossem uns cereais futuristas.

– O pequeno-almoço dos campeões – disse ele.

A verdade era que William tinha uma espécie de dom genial para não ver o que não queria ver. Outro exemplo que vinha mesmo a calhar: nesse dia, véspera de Natal de 1976, fazia dezoito meses que Mercer chegara a Nova Iorque, vindo da povoaçãozinha de Altana, na Georgia. *Ah, eu conheço Atlanta*, costumavam garantir-lhe as pessoas, com alegre condescendência. *Não*, corrigia ele – *Al-ta-na* –, mas, com o tempo, acabou por perder a paciência para explicar. A simplicidade era mais fácil do que a exatidão. No que tocava às pessoas da sua terra, ele partira para norte para dar aulas de Inglês no Colégio Feminino Wenceslas-Mockingbird, em Greenwich Village. Por detrás disso encontrava-se, claro está, o seu desejo ardente de escrever o Grande Romance Americano (que se mantinha em combustão, ainda que em sentido diferente). E por detrás *disso*... bom,

a maneira mais simples de pôr as coisas era dizer que tinha conhecido uma pessoa.

O amor, como Mercer o compreendera até então, envolvia enormes campos gravitacionais de dever e desaprovação que pesavam sobre as partes implicadas e transformavam até uma conversa de chacha numa luta agreste para se conseguir respirar. E, de repente, ali estava uma pessoa que era capaz de não responder aos seus telefonemas durante semanas, sem sentir a mínima necessidade de pedir desculpa. Um branco que andava pela Rua 125 como se fosse dono dela<sup>2</sup>. Um tipo de trinta e três anos que ainda dormia até às três da tarde, mesmo depois de terem começado a viver juntos. O empenho de William em fazer exatamente aquilo que queria, quando queria, tinha sido, a princípio, uma revelação. De repente, era possível separar o amor da *gratidão*.

Mais recentemente, porém, começara a parecer que o preço da libertação era uma recusa em olhar para trás. William não era capaz de falar sobre a sua vida pré-Mercer senão de uma maneira extremamente vaga: o período de dependência da heroína no início dos anos 70, que o deixara com o seu insaciável gosto por doces; as pilhas de quadros que se recusava a mostrar a Mercer ou a qualquer outra pessoa que os pudesse ter comprado; o grupo implodido de *rock* cujo nome, Ex Post Facto, ele gravara com um cabide de arame nas costas do blusão de motoqueiro. E a família? Silêncio total. Durante muito tempo, Mercer nem sequer fizera a ligação entre William e os Hamilton-Sweeneys, o que era mais ou menos como conhecer Frank Tecumseh Sherman e não se lembrar de perguntar se tinha alguma coisa a ver com a família do general<sup>3</sup>. William ainda ficava petrificado sempre que alguém mencionava a Hamilton-Sweeney Company na sua presença, como se tivesse acabado de encontrar uma unha na sopa e tentasse tirá-la sem alarmar nenhum dos convivas à mesa. Mercer dizia para si próprio que os seus sentimentos não teriam mudado absolutamente nada, se William se chamasse Doe ou Dinkelfelder. E, no entanto, era difícil não ficar curioso.

E isto foi antes das comemorações mistas do Chanucá e do Dia de Ação de Graças no colégio, no início do mês, que contaram com um desfile ao qual o diretor da escola praticamente obrigara os professores

<sup>2</sup> Rua de Harlem, um bairro predominantemente negro. (N. da T.)

<sup>3</sup> William Tecumseh Sherman, general que se destacou pela sua capacidade de liderança na Guerra Civil Americana. (N. da T.)

todos a assistir. Ao fim de quarenta minutos de espetáculo, estava Mercer a tentar distrair-se lendo o elenco infundável do programa, quando um nome lhe saltou à vista. Passou o dedo sobre as letras, à luz fraca do auditório: Cate Hamilton-Sweeney Lamplighter (Coro infantil). Normalmente, Mercer lidava só com os últimos anos do secundário – com os seus vinte e quatro anos, era o professor mais jovem do liceu e, ainda por cima, o único afro-americano, e as meninas mais pequenas comportavam-se como se achassem que ele era uma espécie de contínuo bem vestido –, mas, depois de o pano cair, foi ter com uma colega que dava aulas à pré-primária. Ela apontou para um grupo de duendes ecuménicos perto da porta dos bastidores. Pelos vistos, a tal «Cate» era um deles. Isto é, *deles*.

– E sabes se por acaso há algum William na família dela?

– Estás a falar do irmão dela, o Will? Ele anda no primeiro ou no segundo ano do ciclo, se não me engano, numa escola na alta. É mista, por isso não sei porque é que a Cate não anda lá também. – A colega pareceu cair em si. – Porque é que perguntas?

– Oh, por nada – respondeu, virando-se para se ir embora. Era exatamente o que ele pensara: um engano, uma coincidência que já se esforçava por esquecer.

Mas não foi Faulkner quem disse que o passado nem sequer é passado? Na semana anterior, no último dia do período letivo, depois de a última menina dilatária com bolsa de estudos ter entregado o último exame final, uma mulher branca de semblante nervoso aparecera-lhe inesperadamente à porta da sala de aulas. Tinha aquela aura radiosa de jovem mãe – a saia que envergava provavelmente custara mais do que o guarda-roupa inteiro de Mercer –, mas havia mais qualquer coisa nela que lhe dava um ar familiar, embora ele não fosse capaz de dizer o quê.

– Precisa de ajuda?

Ela comparou o papel que levava na mão com o nome dele na porta.

– Sr. Goodman?

– Sou o próprio. – Ou *É o próprio*? Não tinha a certeza. Cruzou as mãos em cima da secretária e tentou assumir um ar não-ameaçador, como costumava fazer quando tinha de lidar com mães.

– Não sei como dizer isto de uma maneira delicada. A Cate Lamplighter é minha filha. A professora dela disse que o senhor lhe fez umas perguntas no fim do desfile da semana passada.

– Oh, meu Deus. – Mercer corou. – Foi um equívoco. Mas peço desculpa se... – Foi então que reparou: o queixo afilado, os olhos azuis sobressaltados. Ela podia ter sido William em versão feminina, só que o cabelo dela era castanho-acobreado em vez de preto e usava-o num penteado simples, cortado a direito pela altura do queixo. E, claro, destacava-se pela roupa elegante.

– Julgo que as suas perguntas se referiam ao tio da Cate, a quem fomos buscar o nome para o irmão dela, embora ele não o saiba, já que nunca o conheceu. Nunca conheceu o meu irmão, quero eu dizer. William Hamilton-Sweeney. – A mão que ela estendeu, ao contrário da voz, era firme. – Sou a Regan.

Cuidado, pensou Mercer. Ali, em Mockingbird, o facto de ter um cromossoma Y era um risco e, independentemente do que tinham dito quando o contrataram, ser negro também. Navegando entre a espada e a parede, entre o de mais e o de menos, trabalhara muito para projetar uma aura de assexualidade reservada. No que tocava aos seus colegas de trabalho, ele vivia sozinho, na companhia dos seus livros. Ainda assim, saboreou o nome dela na boca: «Regan.»

– Posso perguntar-lhe qual é o motivo do seu interesse pelo meu irmão? Ele não lhe deve dinheiro, deve?

– Oh, não, não, nada disso! Ele é... um amigo. Eu é que não sabia que ele tinha uma irmã.

– Nós não nos damos. Há anos que não nos falamos. Aliás, não faço a mínima ideia de como o encontrar. Detesto incomodar, mas será que eu podia deixar isto consigo? – Aproximou-se para deixar qualquer coisa em cima da secretária e, quando se afastou, uma pontadzinha de dor perpassou Mercer. Do meio do grande mar silencioso que era o passado de William, surgira um mastro, para logo de seguida recuar em direção ao horizonte.

Espera, pensou ele.

– Ia agora mesmo à sala dos professores buscar um café. Quer?

No rosto dela demorou-se um sentimento de inquietude, ou de tristeza, abstrata mas penetrante. Regan era extremamente atraente, ainda que a puxar para o magro. A maior parte dos adultos quando estavam tristes pareciam retrair-se e envelhecer e perder a beleza; talvez fosse uma espécie de forma de adaptação, um traço evolutivo no sentido de criar aos poucos uma raça superior de homínídeos emocionalmente insensíveis, mas, se assim era, esse gene não se materializara nestes Hamilton-Sweeneys.

– Não posso – disse ela, por fim. – Tenho de ir levar os meus filhos a casa do pai. – Apontou para o envelope. – Se puder, se por acaso vir o William antes do fim do ano, dê-lhe isso e diga-lhe... diga-lhe que preciso dele lá, este ano.

– Precisa dele onde? Desculpe. Não é da minha conta, como é óbvio.

– Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Goodman. – Ela deteve-se à porta. – E não se preocupe com as circunstâncias. Fico feliz por saber que ele tem alguém.

Antes que Mercer tivesse tempo de lhe perguntar o que estava a insinuar, já ela se fora embora. Ele esgueirou-se para o corredor para a ver partir, com os saltos tiquetaqueando pelos quadrados de luz nos mosaicos. Depois, baixou os olhos para o envelope selado que tinha nas mãos. Não trazia selo, apenas um retalho de tinta corretora no sítio onde deveria estar a morada e a caligrafia apressada a dizer *William Hamilton-Sweeney III*. Mercer não sabia que o nome dele tinha um numeral romano.

Acordou no dia de Natal a sentir-se culpado. Mais umas horas de sono talvez o tivessem ajudado, mas anos de ritual pavloviano impediam-no de dormir. A mãe costumava entrar nos quartos deles, quando ainda era de noite, e atirar meias empanturradas de laranjas e bugigangas da loja das pechinchas para os pés da sua cama e da de C.L., e depois fingia-se surpreendida por os filhos acordarem. Agora que era teoricamente adulto, não havia meias e Mercer ficou deitado ao lado do amante durante o que lhe pareceu uma eternidade, a ouvi-lo rressonar e a ver a luz avançar pela parede de pladur. William montara-a à pressa para criar um recanto para dormir no espaço completamente aberto do *loft* e acabara por nunca se dar ao trabalho de a pintar. Além do colchão, as únicas cedências à domesticidade eram um autorretrato inacabado e um espelho de corpo inteiro, virado de lado para ficar paralelo à cama. Pormenor constrangedor: às vezes, apanhava William a ver-se ao espelho enquanto estavam *in flagrante*, mas era uma daquelas coisas sobre as quais Mercer sabia que não devia fazer perguntas. Porque é que não conseguia simplesmente respeitar esses momentos privados? Em vez de os respeitar, sentia que eles o pressionavam cada vez mais até que, para proteger os segredos de William, ele próprio começava também forçosamente a acalentar segredos.

Mas, vá, o objetivo do Natal era precisamente acabar com as introspeções. A temperatura caíra a olhos vistos e o agasalho mais quente que William tinha era o blusão dos Ex Post Facto, por isso Mercer decidira oferecer-lhe uma *parka*, um invólucro de calor que o envolvesse aonde quer que fosse. Reservara cinquenta dólares de cada um dos seus últimos cinco salários e fora ao Bloomingdale's ainda ataviado com aquilo a que William chamava o seu disfarce de professor – gravata, *blazer* com remendos nos cotovelos –, mas aparentemente isso não o ajudara a convencer os funcionários de que era um cliente legítimo. Aliás, um detetive da loja, com um bigodinho de roedor, seguira-o da secção dos agasalhos à da roupa de homem e daí até ao vestuário formal. Mas talvez isso tenha sido providencial, caso contrário Mercer podia não ter encontrado o sobretudo. Era lindo, em tom *camel*, como que feito com o pelo macio de gatinhos. Quatro botões e três bolsos interiores, para guardar pincéis e canetas e cadernos de esquissos. O colarinho, o cinto e o corpo eram de três tons diferentes de pele de carneiro. Era suficientemente extravagante para que William talvez o usasse e brutalmente quente. E exorbitantemente caro para o bolso de Mercer, mas uma espécie de rebelião arrebatada ou arrebatamento rebelde levou-o para a caixa registadora e daí para a banca onde faziam embrulhos, onde o envolveram em papel gravado com montes de *B* dourados. Estava há uma semana e meia escondido debaixo do *futon*. Incapaz de esperar mais tempo, Mercer fingiu um ataque de tosse e, daí a nada, William estava acordado.

Depois de fazer o café e ligar as luzes da árvore, Mercer pousou a caixa no colo de William.

– Meu Deus, que peso.

Mercer sacudiu um pedaço de cotão.

– Abre-a.

Observou William atentamente, quando a tampa soltou uma lufadazinha de ar e o papel de seda restolhou.

– Um casaco. – William tentou dotar a frase de um ponto de exclamação, mas toda a gente sabia que dizer o nome da prenda era o que as pessoas faziam quando ficavam desiludidas.

– Prova-o.

– Por cima do roupão?

– Vais ter de o experimentar, mais cedo ou mais tarde.

Foi só aí que William começou a dizer as coisas certas: que precisava de um casaco, que era lindo. Desapareceu no recanto de dormir,

onde se demorou uma inesperada eternidade. Mercer quase o conseguia ouvir a virar-se e revirar-se à frente do espelho inclinado, a tentar decidir como é que se sentia. Por fim, a cortina de missangas abriu-se novamente.

– É espetacular – disse.

Tinha um ar espetacular, pelo menos. Com o colarinho revirado para cima, destacava as belas feições de William, a aristocracia natural das suas maçãs do rosto.

– Gostas?

– O fantástico casaco colorido<sup>4</sup>. – William fez uma série de gestos empolados, dando palmadinhas nos bolsos, rodopiando para a câmara. – É como vestir um *jacuzzi*. Mas agora é a tua vez, Merce.

Do outro lado do *loft*, gambiarras piscavam tenuemente contra a luz do meio-dia. O pano da base da árvore de Natal não tinha nada em cima, a não ser uns pelos de gato e umas agulhas de pinheiro. Mercer abrira a prenda da mãe na noite anterior, enquanto falava com ela ao telefone, e percebera, pela maneira como ela assinara os nomes deles na etiqueta, que C.L. e o pai se tinham esquecido de lhe enviar uma prenda, ou decidido não o fazer. Preparara-se para a hipótese muito provável de William também não lhe ter comprado nada, mas, nesse momento, William desencantou do recanto de dormir um embrulho que fizera com papel de jornal às três pancadas, como se estivesse bêbado.

– Sê meigo – disse ele, pousando-o no chão.

Alguma vez Mercer fora outra coisa que não meigo? Assolou-o um cheiro a óleo para armas, quando retirou o papel e deparou com uma grelha de ordeiras teclas brancas: uma máquina de escrever.

– É elétrica. Encontrei-a numa loja de penhores na baixa, impecável como se fosse nova. Dizem que é muito mais rápida do que uma normal.

– Não era preciso – disse Mercer.

– A tua máquina é uma porcaria. Se fosse um cavalo, já a tinhas abatido.

Não, não era *mesmo* preciso. Embora Mercer ainda não tivesse arranjado coragem para dizer a William, o lento desenvolvimento do seu trabalho em curso – ou melhor, a falta de desenvolvimento – não

<sup>4</sup> Referência ao musical *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat* – *José o Sonhador e o Seu Fantástico Casaco Colorido*, da autoria de Andrew Lloyd Weber e Tim Rice. (*N. da T.*)

tinha nada que ver com o equipamento técnico, pelo menos não num sentido convencional. Para evitar mais dissimulação, abraçou William. O calor do seu corpo até o casaco sumptuoso atravessou. Nesse instante, William deve ter captado um vislumbre do relógio do fogão.

– Merda. Importas-te que ligue a televisão?

– Não me digas que há jogo. É feriado.

– Eu sabia que ias compreender.

Mercer tentou sentar-se uns minutos a ver o amado desporto de William, mas, para ele, futebol na televisão era uma coisa tão desinteressante, ou inclusive ininteligível em termos de narrativa, como um circo de pulgas, por isso levantou-se e foi à *kitchenette* tratar das outras estações da cruz natalícia. Enquanto a multidão sibilava e os anunciantes apregoavam as virtudes de giletes de lâmina dupla e de massa com queijo *Velveeta*, Mercer cobriu o pernil de porco com molho, cortou a batata-doce e abriu uma garrafa para o vinho respirar. Ele próprio não bebia – vira o que isso fizera ao cérebro de C.L. –, mas achou que um *chianti* poderia ajudar a infundir o espírito natalício em William.

O calor intensificou-se por cima do fogão de dois bicos. Mercer abriu a janela, assustando uns pombos que se tinham instalado lá fora, no seu canteiro de gerânios invernalmente despojado. Na realidade, era um bloco de cimento e não propriamente um canteiro. Os pombos desceram a pique pelos desfiladeiros das antigas fábricas, ora desaparecendo nas sombras, ora explodindo na luz. Quando olhou para William, o sobretudo estava novamente guardado na caixa pousada no chão, ao lado do *futon*, e o saco enorme de gomas ia praticamente no fim. Sentiu que se estava a transformar na sua mãe.

No intervalo, sentaram-se com os pratos equilibrados nos joelhos. Mercer achara que, por haver uma pausa na ação, William desligaria o televisor, mas ele nem sequer baixou o som nem desviou os olhos.

– Os inhames estão um espetáculo – disse ele. A par do *reggae* e da Noite dos Amadores no Apollo<sup>5</sup>, a *soul food*<sup>6</sup> era uma das afinidades eletivas de William com a negritude. – Preferia que não ficasses espedado a olhar para mim assim.

– Assim, como?

– Como se eu tivesse matado o teu cachorrinho. Lamento muito se o dia de hoje ficou aquém do que tinhas idealizado.

<sup>5</sup> Concurso de talentos que se realiza, desde 1934, no Teatro Apollo em Nova Iorque; quando abriu, era uma meca de entretenimento para a comunidade negra de Harlem. (*N. da T.*)

<sup>6</sup> Cozinha afro-americana, geralmente associada à gastronomia do Sul dos EUA. (*N. da T.*)

Mercer não se apercebera de que estava espedado a olhar. Desviou os olhos para a árvore, que começava a ficar ressequida na sua base de alumínio.

– É o primeiro Natal que passo longe de casa – disse. – Se o facto de tentar preservar algumas tradições faz de mim um fantasista, então sou um fantasista.

– Não achas que diz tudo tu ainda te referires à casa dos teus pais como se fosse a *tua* casa? – William limpou um canto da boca com o guardanapo. Os modos dele à mesa, incongruentes, lindos, deviam ter sido uma pista para Mercer logo no início. – Somos homens adultos, Merce. Criamos as nossas próprias tradições. O Natal podiam ser doze noites na *boîte*. Podíamos comer ostras todos os dias ao almoço, se quiséssemos.

Mercer não percebeu até que ponto ele estava a ser sincero ou se queria simplesmente ganhar a discussão.

– Ostras, William? Por favor.

– Vamos pôr as cartas na mesa, meu querido. Isto tem que ver com o envelope que ainda não paraste de pôr à frente dos meus olhos, não tem?

– E então, não o vais abrir?

– Para quê? Não traz nada lá dentro que me faça sentir melhor do que já sinto. Que *raio!*

Mercer demorou um segundo a perceber que William estava a dirigir-se ao jogo de futebol, onde um dissabor qualquer anunciara o começo do terceiro quarto.

– Sabes o que eu acho? Acho que já sabes o que está no envelope. – Tal como Mercer sabia, na verdade. Ou, pelo menos, tinha as suas suspeitas. Pegou no envelope e segurou nele na direção do televisor; uma sombra aninhava-se provocadoramente no interior, como o segredo no coração de uma radiografia. – Acho que é da tua família.

– O que eu queria saber é como é que ele veio aqui parar sem selo.

– E o que eu queria saber é por que motivo é uma ameaça tão grande.

– Não consigo falar contigo quando estás assim, Mercer.

– Porque é que eu não posso querer seja o que for?

– Sabes perfeitamente que não foi isso que eu disse.

Foi a vez de Mercer se perguntar até que ponto as palavras que lhe saíram da boca eram sinceras ou se queria simplesmente ganhar a discussão. Conseguia ver, nas margens, as panelas, a estante de livros arrumados por ordem alfabética, a árvore, tudo cedências físicas que

William fizera em prol dele, era verdade. Mas, e emocionalmente? De qualquer maneira, já falara demasiado e agora não dava para voltar atrás.

– Eu digo-te o que é que tu queres: que a tua vida fique exatamente como é, enquanto eu me torço todo à tua volta como uma trepadeira.

Nas faces de William surgiram pintinhas claras, como acontecia sempre que se quebrava a fronteira entre a sua vida interior e exterior. Por um segundo, pareceu capaz de se lançar por cima da mesinha de apoio. E, por um segundo, Mercer talvez tivesse gostado que ele o fizesse. Talvez lhe provasse que ele era mais importante para William do que a sua autocontenção e teria sido tão fácil passarem de uma luta corpo a corpo, de raiva, para aquele outro tipo, mais doce, de corpo a corpo. Em vez disso, William pegou no sobretudo novo.

– Vou sair.

– É Natal.

– Essa é mais uma coisa que podemos fazer, Mercer. Podemos estar sozinhos, não precisamos de estar sempre juntos.

Mas *Solitas radix malorum est*, pensaria Mercer mais tarde, em retrospectiva. A porta fechou-se, deixando-o sozinho com a comida praticamente intacta. O apetite também o abandonara. Havia qualquer coisa de escatológico na luz ténue da tarde, tornada ainda mais ténue pela árvore e pela camada de fuligem que recobria a janela, e no frio que soprava pela nesga que deixara aberta. Sempre que passava um camião, as pontas esfiapadas da manga de vime da garrafa de vinho tremiam como as agulhas de um sofisticado sismómetro. Sim, tudo, a nível pessoal, a nível da história mundial, se desintegrava. Fingiu durante uns minutos que se distraía com o fluxo de camisolas no ecrã. Na realidade, porém, esgueirara-se novamente para dentro do seu crânio, munido de ínfimas chaves de porcas, para fazer o tipo de ajustes que lhe permitiriam continuar a viver assim, com um namorado capaz de lhe virar as costas no dia de Natal.

## 2

Ultimamente, Charlie Weisbarger, de dezassete anos, andava a gastar muito tempo com as aparências. Não era vaidoso, ou pelo menos achava que não, e não gostava particularmente do seu aspeto, mas a ideia de ver Sam outra vez estava constantemente a puxá-lo para o espelho. O que tinha piada: supostamente o amor devia transportar-nos para lá das nossas próprias fronteiras, mas, por algum motivo, o amor que sentia por ela – como a música que descobrira nesse verão, ou o desarranjo intencional dos seus sentidos – acabara simplesmente por lançá-lo de volta para o seu próprio litoral. Era como se o universo estivesse a tentar ensinar-lhe uma lição qualquer. O desafio, depreendeu, era recusar-se a aprender.

Tirou um álbum da pilha junto da aparelhagem e pôs uma moeda em cima da agulha para ela não saltar. O primeiro LP dos Ex Post Facto, de 1974. Trivialidades à laia de bónus: lançado uns meses antes de a banda se desintegrar, foi também o último. Enquanto os *power chords* rasgavam os altifalantes, foi buscar uma caixa redonda e preta à prateleira do armário para onde tinha banido as suas roupas de infância. A tampa tinha uma camada de pó agarrado, como a película que se forma numa tigela de sopa fria. Em vez de se desfazer quando a soprou, desprendeceu-se num rodopio e entrou-lhe na boca, por isso limpou o resto com o que encontrou mais à mão, uma velha luva de basebol, amassada como um escroto, junto da base da mesinha de cabeceira.

Embora soubesse o que estava dentro da caixa, a imagem do chapéu preto de pelo do avô suscitava-lhe sempre uma pontada de solidão, como deparar com um ninho do qual os pássaros tinham fugido a voar. O Velho Chapéu do Campo, como a mãe lhe costumava chamar,

em frases do estilo: *David, ele tem de usar o Velho Chapéu do Campo outra vez?* Mas, para Charlie, seria sempre o Chapéu de Manhattan, o que o avô usara havia dois ou três dezembros, quando tinham ido à Cidade, só os dois. A desculpa que inventaram foi que iam a um jogo dos Rangers e ele obrigou Charlie a jurar que não contava a ninguém que, na realidade, iam ao musical *Christmas Spectacular*, no Radio City Music Hall. O velho polaco de Bialystok fora brusco como o diabo, a abrir caminho à cotovelada por entre a multidão. Sinceramente, Charlie não percebeu o porquê de tanto secretismo: ninguém acreditaria que o avô se dispusera a pagar para ver umas *shiksas*<sup>1</sup> a dançar sapateado. A seguir, durante uma hora, mais ou menos, postaram-se a olhar para o ringue do Rockefeller Center, a ver as pessoas patinar no gelo. Charlie não estava devidamente agasalhado, mas sabia que era melhor ficar calado e não se queixar. Por fim, o avô estendeu o braço e abriu o punho ossudo. Na mão, envolto em papel encerado, estava um caramelo de manteiga que Charlie não fazia ideia de onde saíra, como se fosse o último bem de família tirado clandestinamente de uma zona de guerra, tornado ainda mais precioso por ter estado escondido.

A verdade era que o avô sentia pena dele. Depois do nascimento miraculoso dos irmãos gémeos de Charlie, estava implícito que ninguém devia admitir que o filho mais velho andava a ser posto de lado, mas o avô quis expiar essa falta, uma franqueza que Charlie apreciou. Tinha pedido para ir a Montreal para o Chanucá esse ano, mas a mãe e o avô ainda se acusavam mutuamente da morte do pai. Por isso, foi como se tivesse havido duas mortes, ou quase. A única coisa que restava a Charlie era o chapéu.

Ficou surpreendido ao descobrir que a cabeçorra do avô afinal não era maior do que a sua. Posou à frente do espelho da porta do armário, de três quartos, perfil direito. Era difícil adivinhar que impacto causaria em Sam, porque, tirando o chapéu, estava só de cuecas e *T-shirt*, e também porque névoas de atração e repulsa pareciam interpor-se entre Charlie e o vidro. As suas pernas compridas e brancas e a penugem de gentio nas faces atearam uma faísca hormonal, mas ultimamente até o ressoar de um assento do autocarro escolar, o cheiro a óleo para bebé, determinados produtos alimentares de formas provocantes surtiam o mesmo efeito. E a sua asma era um problema. O seu cabelo vermelho-sumo-de-tomate era um problema. Enterrou

<sup>1</sup> Raparigas não-judias. (*N. da T.*)

o chapéu na cabeça e encheu de ar o peito de pássaro. Mudou de pose para esconder a borbulha que lhe despontava na coxa direita. (Nem sequer sabia que era possível ter borbulhas na perna.) Comparou-se com a fotografia da capa do LP: três tipos desprezíveis, escanzelados como ele, e um travesti com ar assustador. Não tinha muito bem a certeza se conseguia imaginar o chapéu em qualquer um deles, mas não tinha importância; achava-o lindo.

Além disso, escolhera-o especificamente por violar os cânones do bom gosto. Na faixa média da mediana Long Island, 1976 fora o ano do *après-ski*. A ideia era ter o ar de quem acabara de descer uma pista de *slalom* a caminho da escola: camisolas de acrílico e gorros de lã e blusões de penas com passes do teleférico presos aos fechos de correr. Era exclusivamente graças a esses passes, de um comovente tom amarelado de fim de estação, que Charlie sabia os nomes das estâncias de esqui; a sua tribo, por norma, não esquiava. Quanto ao chapéu do avô... bom, era o mesmo que andar de peruca empoada. Mas Sam ensinara-lhe que era precisamente essa a ideia do *punk*. Rebelar-se. *Derrubar*. Recordações do verão ilícito de ambos, aquela dúzia ou mais de viagens à Cidade, antes de a mãe ter estragado tudo, estremeceram deliciosamente dentro dele, como acontecera na semana passada quando pegara no telefone e deparara com Sam do outro lado do fio. Mas com que rapidez o prazer fora soterrado pelo habitual *cocktail* de emoções: o misto de ousadia e arrependimento, como se estivessem prestes a tirar-lhe uma coisa de que ele se sentia pronto para abdicar e, ao mesmo tempo, não.

Virou o disco para o lado B, para o caso de haver uma frase rítmica qualquer que lhe tivesse escapado ou alguma *nuance* da letra que não tivesse memorizado. *Brass Tactics*, chamava-se o álbum. Era o preferido de Sam; estava caidinha pelo vocalista, o tipo baixo de blusão de cabedal e crista, a fazer um pirete. Agora também era o preferido de Charlie. Nesse outono, ouvira-o vezes sem conta, concordando com o disco como não concordava com nada desde *Ziggy Stardust*. *Sim*, também ele se sentia sozinho. *Sim*, também ele conhecia a dor. *Sim*, deitara-se de lado no chão do sótão, na tarde do funeral do pai, e escutara o vento quente nas árvores lá fora e *Sim*, ouvira as folhas a amarelecer e perguntara-se se alguma coisa fazia de facto algum sentido na vida. *Sim*, sentara-se nesse ano com uma perna do lado de fora da janela do sótão e vira o seu crânio explodir como uma melancia no cimento rachado da entrada de casa, mas, *Sim*, contivera-se por

um motivo e talvez fosse aquele o motivo. Descobriria os Ex Post Facto demasiado tarde para os ver tocar ao vivo, mas agora a banda juntara-se novamente para um espetáculo de Ano Novo, com um tipo qualquer que Sam conhecia a substituir Billy Três-Riscos na voz, dissera ela, e uma mostra qualquer de pirotecnia planeada para o final. Aquele «um tipo qualquer» irritara-o, mas não tinha ela admitido que precisava *dele*, referindo-se a *Charlie*?

Reparou que a neve se estava a acumular no parapeito da janela, quando deu uma última vista de olhos à cómoda. Tremer não tinha nada de viril e ele estava decidido a não ter frio. Por outro lado, as ceroulas davam-lhe um ar assexuado e, quando Sam lhe abrisse o fecho das calças nessa noite – quando se encontrassem a sós, no quarto ao luar da sua fantasia (a mesma eventualidade para a qual enfiara no bolso um preservativo *Trojan* a puxar para o velho, tamanho «Magnum») –, não queria estragar tudo. Decidiu, à laia de compromisso, levar umas calças de pijama por dentro dos *jeans*. Faziam com que os *jeans* parecessem mais justos, como se ele fosse o quinto Ramone. Pegou na bomba para a asma, inspirou fundo, desligou a aparelhagem e enfiou o saco ao ombro.

No andar de cima, a mãe esfregava pratos. Os gémeos estavam sentados aos pés dela, no linóleo que começava a descolar, a atirarem um carrinho um ao outro. Charlie viu que era um carro feito a partir de uma caixa de fósforos, com um super-herói preso com um elástico ao tejadilho como se fosse uma mala. «'Tá doente», explicou Izzy. Abe soltou um «uuu uuu» a imitar uma ambulância. Charlie fez uma carantonha. A mãe já se apercebera da sua presença e Charlie tinha a certeza de que todo o seu rosto seria uma máscara de dissimulação, quando a mãe se virasse. Depois, reparou no fio espiralado que se esticava da cabeça dela até ao telefone fixo à parede.

– És tu, querido? – disse ela. E para o telefone: – Ele acabou de aparecer. – Normalmente, Charlie teria perguntado com quem é que ela estava a falar, mas já sabia.

– Sim, vou sair – disse cuidadosamente.

Ela prendera o auscultador entre o ombro e o queixo. Os braços continuaram as suas abluções por cima da água fumegante do lava-louça.

– Precisas de boleia?

– É só até casa do Mickey. Dá para ir a pé.

– Dizem que a neve ainda vai piorar antes de abrandar.

– Eu estou bem, mãe.

– Bom, nesse caso vemo-nos para o ano, então.

A piada desconcertou-o por um instante, como todos os anos, assim como o desconcertou a primeira vez que uma miúda o beliscou no dia de São Patrício<sup>2</sup>. Sentiu um travo amargo na garganta, mesmo depois de ter percebido a graça. O que ele queria verdadeiramente era que ela se virasse e olhasse e tentasse detê-lo. Mas porquê? Ia só esgueirar-se durante umas horas e voltaria antes de raiar o dia e nada ia mudar, porque nunca nada mudava.

Lá fora, livre dos complexos e constrangedores encantos da casa, os seus movimentos tornaram-se mais fluidos. Foi buscar a bicicleta ao lado da garagem e escondeu o saco com as suas coisas atrás do aparelho de ar condicionado. O saco continha um monte de roupa suja colhida do chão do seu quarto, para despistar. A neve caía com mais intensidade agora e começara a ficar colada ao passeio, uma folha de papel encerado sem textura. Os pneus desenhavam uns grandes arcos pretos na sua esteira. Quando passou debaixo de um candeeiro de rua, um monstro inchou na terra em frente: esgalgado em baixo e com uns ombros e uma juba enormes (o seu casaco acolchoado, o chapéu de pelo). Seguiu caminho, semicerrando os olhos para os proteger dos punhais de neve.

A baixa de Flower Hill, apesar dos esforços bem-intencionados da junta de freguesia, não conseguia superar a realidade do que era. De dia, imitava uma urbanidade dilapidada – havia uma florista, uma loja de noivas, uma loja não muito boa de discos –, mas, à noite, as fachadas iluminavam-se e apregoavam as verdadeiras urgências da terra: massagens, tatuagens, armas e penhoras. Do lado de fora de um *take-away* vazio, um Pai Natal animado rodopiava com movimentos hirtos ao compasso de «Jingle Bells», com as pernas acorrentadas a uma vedação. Charlie, que já nem sentia as mãos, parou e entrou na loja para tomar um café. A caféina estava a surtir efeito dez minutos depois, quando escondeu a bicicleta debaixo de uns arbustos na estação. Tinha mesmo de se lembrar de arranjar um cadeado.

Sam estava à sua espera, num cone de luz ao fundo do cais. Não a via há meio ano, mas percebeu, pela maneira como ela roía o polegar da mão que segurava o cigarro, que estava preocupada com qualquer

<sup>2</sup> No dia 17 de março, em que se celebra o santo padroeiro da Irlanda, as pessoas têm por hábito vestir-se de verde e quem não o faz é beliscado pelos amigos. (*N. da T.*)

coisa. (Ou melhor, ele *devia* ter conseguido perceber, através da sua ligação telepática. Quantas noites, desde que o puseram de castigo, estivera ele acordado a falar com ela na sua cabeça? Mas a verdade era que, quando se aprofundava a questão, a telepatia, a gnose e todos os outros superpoderes que em diferentes momentos da vida ele imaginara que possuía não existiam. Ninguém na vida real conseguia ver através das paredes. Ninguém – pensaria ele mais tarde, depois de acontecer o que aconteceu – conseguia inverter o sentido do tempo.) Por incrível que pareça, ela não o viu escorregar na neve quando ele apressou o passo. Mesmo quando Charlie já estava praticamente em cima dela, Sam continuou de olhos postos na face lunar do relógio da estação e nos flocos brancos que aí desapareciam. Ele quis envolvê-la com um braço, mas como o ângulo dos seus corpos não o permitiu, contentou-se em dar-lhe um toque no ombro, mas o gesto saiu-lhe frouxo, não foi o toque de carinho que teria vindo de umas mãos mais experientes do que as dele, por isso transformou-o numa pequena dança, dando socos no ar, fingindo que fora por mero acaso que lhe tocara. «*Olá! Então! Vamos!*» E finalmente ela virou para ele o rosto de que ele estivera privado durante tanto tempo: os ardentes olhos escuros, o nariz arrebitado com a sua argola de prata e a boca perfeita para o cinema, um nadinha larga demais, de onde saiu a voz enrouquecida pelo fumo, a sua característica mais atraente.

– Há quanto tempo.

– Pois é. Tenho andado ocupado.

– Pensava que estavas de castigo, Charlie.

– Sim, também.

Ela levou a mão ao chapéu de pelo. As faces de Charlie arderam, quando ela inspecionou o traumatismo capilar autoinfligido que causara indiretamente o exílio dele. *Pareces um doente mental*, dissera a mãe. Voltara a crescer, quase todo. Entretanto, Sam fizera, também ela, uma coisa ao cabelo: cortara-o curto, à rapaz, e pintara-o de preto, quando antes era cor de âmbar. Era quase tão alta como Charlie e, com um *blazer* preto a esconder-lhe as curvas, parecia a Patti Smith na capa de *Horses*, o segundo álbum preferido de ambos. Mas ele sabia lá o que é que ela ouvia agora que entrara para a universidade na Cidade. Quando lhe perguntou como era a vida na residência universitária, ela disse que era uma seca. Ele ofereceu-lhe o chapéu emprestado.

– Queres usá-lo? É quente.

– Foram só quinze minutos que estive à espera.

– A estrada estava muito escorregadia. E tive de parar para beber um café. Desculpa não ter carro. – Ele nunca comentou como era péssimo para si, por causa da asma, ela fumar que nem uma chaminé e ela, reciprocamente, fingiu não reparar quando ele pegou na sua bomba totó e inalou uma enorme golfada de ar químico. – A minha mãe julga que fui para casa do Mickey Sullivan, o que diz tudo sobre o planeta em que ela vive. – Mas já Sam se virara para o ponto onde os carris descreviam uma curva e desapareciam na escuridão. Uma luz redonda deslizou em direção a eles como uma bola de baseball branca a fazer pontaria ao lugar do batedor. O comboio das 20h33 para Penn Station, em Manhattan. Daí a umas horas, a bola cairia em Times Square e homens e mulheres de uma ponta a outra de Nova Iorque virar-se-iam para a pessoa que estivesse mais perto de si para darem um beijo inocente, ou não tão inocente. Ele fingiu que o aperto que sentia no peito, quando entraram no comboio, era só da cafeína.

– Como se eu me importasse com o que o Mickey pensa ou deixa de pensar. Aquele idiota já nem sequer me cumprimenta com um aceno de cabeça na cantina.

Os três – Mickey, Charlie e Samantha – deveriam ter andado na mesma turma no liceu, mas o assustador pai de Sam, o génio do fogo de artifício, mandara-a estudar para um colégio de freiras e depois para um colégio particular em Nova Iorque propriamente dita. Pelos vistos, resultara; Sam tinha só mais seis meses do que ele, mas era suficientemente inteligente para ter saltado o segundo ano do ciclo e agora entrara para a Universidade de Nova Iorque, enquanto ele e Mickey eram alunos médios e já nem sequer eram amigos. Talvez devesse ter arranjado alguém mais disposto a servir de álibi para essa noite, porque se a mãe telefonasse aos Sullivans de manhã para lhes agradecer (provavelmente ela nunca se lembraria de tal coisa, mas imaginemos que sim), ele estaria metido num sarilho dos grandes, numa pilha fumegante de esterco. E se ela descobrisse onde é que ele arranjara o dinheiro para pagar duas idas e voltas à Cidade? Ficaria trancado no quarto até 1980, no mínimo.

– Tens os bilhetes?

– Pensei que eras tu que os ias comprar – ripostou ela.

– Não, os bilhetes para os Ex Post Facto.

Ela tirou um folheto amassado do bolso.

– Agora chamam-se Ex *Nihilo*. Vocalista diferente, nome diferente. – Por um instante, o estado de espírito dela pareceu tornar-se

mais sombrio. – Seja como for, não é à ópera que vamos. Não há bilhetes.

Ele seguiu-a pelo corredor fora, sob as luzes trémulas, esperando o máximo de tempo que conseguiu para lhe lembrar que não se podia sentar de costas, porque enjoava. O rosto dela crispou-se novamente; ele recebeu, por uma fração de segundo, já ter estragado o encontro *amoroso* (não podia deixar de pensar nas coisas naqueles termos). Mas ela abriu a porta e conduziu-o para a carruagem seguinte.

Naquela noite, o comboio suburbano pertencia à catraia. Até os adultos eram catraios. E eram tão poucos que cada grupinho pôde deixar várias filas de assentos vermelhos e azuis do Bicentenário de cada lado como tampão. Falavam muito mais alto do que os adultos falariam e dava para perceber que era para que toda a gente ouvisse, como forma de prevenção, uma maneira de dizer: *Não tenho medo de vocês*. Charlie perguntou-se quantas mães do condado de Nassau não fariam ideia de onde os filhos estavam nessa noite; quantas mães lhes teriam simplesmente concedido a liberdade. Assim que o revisor saiu da carruagem, começaram a circular cervejas. Alguém tinha um rádio transístor, mas os altifalantes eram péssimos e a única coisa que se ouvia era uma voz a gemer, excitada. Provavelmente Led Zeppelin, cujas improvisações à Tolkien tinham sido a banda sonora da lavagem de automóveis onde Charlie trabalhara no nono ano, mas às quais renunciara no verão passado, quando Sam rotulara o vocalista, Robert Plant, de *exibicionista cripto-misógino*. Às vezes ela era assim, acutilante e inflamada, e o silêncio dela naquele momento apanhou-o de surpresa. Quando um miúdo a umas filas de distância fingiu que lançava uma lata de cerveja na direção deles, Charlie esticou-se para a apanhar, como um idiota. Os amigos do miúdo riram-se.

– Putos – murmurou Charlie, num tom que lhe pareceu devastador, mas não suficientemente alto para que o ouvissem, e afundou-se no seu banco de ruidosa pele sintética, virado no sentido da marcha. Sam voltara-se para contemplar os prédios de Queens a brilharem por detrás da janela, ou a nuvem de condensação do seu hálito que os transformava em fantasmas. – Estás bem? – perguntou.

– Porquê?

– É um dia de festa, sabias? Não pareces particularmente festiva. Além do mais, não devias estar a documentar isto para a tua revista ou lá o que é? – Ao longo desse último ano, ela andara a publicar uma fanzine mimeografada sobre o movimento *punk* na baixa,

que constituía uma parte muito importante de quem ela era, ou fora.  
– Onde é que está a máquina?

Ela suspirou.

– Não sei, Charlie. Devo tê-la deixado nalgum lado. Mas trouxe-te isto. – Do saco militar que levava no colo, tirou uma garrafa castanha e pegajosa sem rótulo. – Foi a única coisa que encontrei no armário das bebidas. Tudo o resto não passa de água, nesta altura do campeonato.

Ele cheirou a tampa. Aguardente de pêssogo. Levou-a à boca, esperando que não tivesse germes.

– Tens a certeza de que estás bem?

– Sabias que és a única pessoa que me pergunta isso? – Ela pousou a cabeça no ombro dele. Charlie continuava sem conseguir adivinhar em que é que ela estava a pensar, mas o calor medicinal do álcool chegara-lhe às entranhas e beijá-la – *comê-la*, como diria R. Plant – parecia novamente uma possibilidade. Durante o resto do trajeto, teve de imaginar a papada do presidente Ford para não ficar com um tesão que se notasse.

Mas, em Penn Station, Sam ficou novamente irrequieta. Abriu caminho por entre a multidão a cheirar a cachorros-quentes, rostos que se moviam demasiado depressa para que o olhar os conseguisse distinguir. Charlie, então já bem bebido, tinha a sensação de que havia uma grande luz a brilhar algures nas suas costas, lançando fogo aos cabelos pintados de preto da parte de trás da cabeça dela, aos seus muitos brincos, aos rebordos achatados de duende do cimo das orelhas dela, como se uma equipa de filmagens os seguisse, iluminando-a. Uma luz que, ao invés de ser refletida, provinha de dentro deles. De dentro *dela*.

Apanharam um comboio expresso número dois com destino a Flatbush Avenue, que por sorte não ia à cunha, e enquanto atravessava estrepitosamente uma estação local, o comboio parecia ecoar as sílabas truncadas do maquinista: *Flat-bush, Flat-bush*. Sam virou-se no assento. As vigas ao longo do cais que se alongava dividiam a luz em pedaços. Charlie reparou pela primeira vez numa pequena tatuagem na nuca dela. Parecia a coroa de um rei desenhada por uma criança trapalhona, mas não a quis interrogar sobre isso, para não lhe lembrar todas as coisas que aparentemente já não sabia sobre ela. Largou a barra à qual ia agarrado, enfiou as mãos nos bolsos e ficou de pé a tentar absorver os sacões: *Flat-bush, Flat-bush*. Era um jogo que ela lhe ensinara, chamado «surfear o metro». O primeiro que se desequilibrasse perdia.

– Olha – disse. Como ela não olhou, ele tentou de novo: – Eu contra ti.

– Agora não. – A voz dela não tinha uma ponta sequer da indulgência maternal a que ele se habituara e, uma vez mais, sentiu que a noite estava a falhar, como a luz na estação que atravessaram.

– Os melhores três em cinco.

– Às vezes és tão infantil, Charles.

– Sabes que isso me irrita.

– Então, para de te comportar como um Charles.

Sentiu-se humilhado por ela ter falado tão alto. Qualquer pessoa que não os conhecesse poderia pensar que ela nem sequer gostava dele, por isso Charlie atirou-se para o banco em frente, como se tivesse decidido de sua livre e espontânea vontade que era ali o seu lugar. Na Rua 14, uma das portas encravou, deixando só uma abertura mínima para as pessoas saírem. E claro, como era um cavalheiro, fez sinal para ela passar à sua frente, embora não tenha recebido qualquer tipo de agradecimento. Daí apanharam o comboio local até à estação seguinte e saíram em Christopher Street. Antes de ele ser apanhado, costumavam ir para aquelas bandas comer gelados e *Quaaludes* e beber *whisky* do pai dela. Já meio passado à tarde, gozava com os maricas que entravam nas *sex shops*, enquanto ao fundo, a sul, os edifícios se erguiam como reinos. O céu que se desenrolara sobre eles como um grande tambor azul-laranja latejante desfazia-se agora em pedacinhos que caíam. E ele estava a arder por dentro da camada dupla de calças. Disse-lhe que tinha de ir fazer chichi.

– Temos o tempo contado, Charlie.

Mas ele esgueirou-se para a casa de banho de uma *pizzeria* com um letreiro a dizer **SÓ PARA CLIENTES!** Trancou a porta e despiu as calças e as calças de pijama, amassou as do pijama, enfiou-as no bolso do casaco e voltou a vestir os *jeans*. O empregado que estava ao balcão fez-lhe uma carantonha quando ele saiu.

– Olha, se vais continuar assim... – começou ela.

– Assim como?

– Assim. Não paras de *irradiar* ansiedade para cima de mim. E vê se prestas atenção. Estás a impedir a passagem.

E, de facto, viu que estava. Os quarteirões que atravessavam a Cidade, da West Village à East Village, estavam apinhados de turistas e *freaks* e alunos da Universidade de Nova Iorque. Mas desde quando é que ela se preocupava com a delicadeza?

– Sam, tenho a sensação de que estás irritada comigo sem eu ter feito nada.

– O que é que tu queres de mim, Charlie?

– Eu não quero nada – respondeu ele, num tom perigosamente próximo de um queixume. – Foste tu que me ligaste, lembras-te? Eu só quero que sejamos amigos outra vez.

Ela ponderou um instante na resposta dele. Se houvesse um sinal qualquer que ele lhe pudesse ter dado, um daqueles abstrusos apertos de mão dos miúdos da terceira classe, cuspir na palma da mão, desenhar uma cruz, ele tê-lo-ia feito.

– OK – disse ela –, mas vamos lá a despachar para chegarmos depressa, está bem?

O seu destino era o edifício de um antigo banco manchado de merda de pombo, num troço particularmente decrépito da Bowery, com um pórtico de colunas coberto de *graffiti* que, em tempos, ela teria insistido em fotografar. A bicha derramava-se por uma porta lateral e eles ocuparam o seu lugar no fim da fila, debaixo de um errático candeeiro de rua. Um alfinete de ama fez sinal a Charlie a partir do rosto de um tipo alto, uma dúzia de pessoas à frente deles; parecia um amigo meio ogre da Sam que ele conhecera uma vez, ali perto. Charlie tornou-se demasiado consciente do seu chapéu e teve vontade de o tirar antes que o tipo, se é que era mesmo ele, os visse, mas a luz apagou-se. Quando voltou a acender-se, zumbindo, deu um toque a Sam.

– Olha, não conheces aquele gajo?

Ela olhou em redor, nervosa.

– Qual gajo?

Mas já o alfinete de ama tinha sido engolido pelo edifício e o olhar dela recaiu noutro indivíduo, com o tamanho e a forma de uma arca frigorífica industrial, que abria e fechava a porta de incêndio de aço parecendo nem ver as pessoas que a transpunham.

– Oh, aquele é o Bala. – Parecia que ela colecionava aquele tipo de relação obscura com homens mais velhos. Este estava coberto de tatuagens (lâminas de tinta preta que se estendiam do pescoço até ao rosto castanho-caramelo, como uma pintura de guerra) e vestido de cabedal da cabeça aos pés, com um brinco em forma de navalha. – É o porteiro.

– Eu não tenho identificação – sibilou Charlie.

– Para que é que precisas de identificação? Descontraí e faz o que eu faço.

Ele puxou o chapéu de pelo para os olhos e obrigou-se a endireitar as costas. Os seus esforços para parecer crescido afinal foram escusados, porque o porteiro levantou Sam do chão com um grande abraço e o seu rosto abriu-se num enorme sorriso.

– Pensei que não te íamos ver esta noite, querida.

– Muito sítio para ir, muita gente para ver – disse ela. – Sabes como é.

– Quem é o guindaste? – Apontou na direção de Charlie sem olhar para ele.

– É o Charles.

– Pois o Charles parece um tipo da brigada dos narcóticos, com esse chapéu.

– O Charles é porreiro. Diz olá, Charles.

Charlie murmurou um cumprimento, mas não estendeu a mão. Regra geral, tinha um certo medo dos negros e, em especial, daquele homem que, se estivesse para aí virado, seria capaz de pôr Charlie em cima do joelho e de o partir como um pedaço de madeira. Se é que era mesmo negro e não supermoreno ou turco ou outra coisa qualquer. Era difícil perceber por causa das tatuagens.

– Ouve – disse Sam, debruçando-se para ele –, alguém perguntou por mim?

– Por ti?

– Sim, do estilo... alguém te perguntou se eu cá estava? Um tipo com ar de betinho? Giro? Na casa dos trinta? A destoar um bocadinho? – Ela parecia tremer, reluzente da neve a derreter, expectante. Charlie fez os possíveis por manter o rosto inexpressivo. Nunca os deixes ver-te sangrar, dissera o avô, antes de entrar num DC-10, uma semana depois da shivá<sup>3</sup>.

Entretanto, uma espécie de compaixão, um olhar do estilo *Onde estão os teus pais?*, infiltrara-se na máscara de bonomia do porteiro.

– Não sei, querida. Entrei ao serviço às oito e, como eu disse, não estava à espera de te ver.

– Charlie – disse ela –, importas-te de esperar aqui fora com o Bala um segundo, enquanto eu vou lá dentro ver uma coisa?

Por isso, ele esperou, mudando o peso do corpo de um pé para o outro, tentando afastar-se do porteiro. Pombos cismavam na haste curva do candeeiro de rua. Uma pessoa vestida como um mimo, mas

<sup>3</sup> Retiro que os judeus fazem após a morte de um parente próximo. (*N. da T.*)

sem precisar de maquiagem para dar ao rosto o tom da cal, saiu porta fora, trôpega, e caiu no passeio gelado. Riu e riu e Charlie teve vontade de ir ajudá-la, mas mais ninguém se mexeu. O porteiro encolheu os ombros em jeito de: *O que é que se há de fazer?*

O que é que se há de fazer, não, o que é que *ele* ia fazer? Aquele verão do Bicentenário<sup>4</sup>, o verão de Sam, assolara-o como uma onda azul-vidro, levantando a sua maldita vida do chão de uma só varredela e lançando-a para a frente num ângulo tão íngreme que ele teve de levantar os olhos para ver a costa. Mas, como acontece com qualquer onda, quebrara-se e, em todo o caso, ele sempre tivera medo das alturas. Vira Sam uma vez depois disso, do lugar do morto da carrinha que a mãe já não o deixava conduzir. Estava sentada numa paragem de autocarro em Manhasset. E talvez ela o tivesse visto, mas houve qualquer coisa nele que o retivera, e algo que a retivera a ela também: a parte dela que, percebia ele agora, ali ficara, cavalgando uma onda redobrada, testando a cidade para ver se era suficientemente forte para ela. *Descontraí-te*, disse para si próprio. *Descontraí-te simplesmente.*

– Charlie, ouve uma coisa – disse Sam, quando voltou a aparecer –, se por acaso eu tiver de dar um saltinho à alta da cidade, tu ficas bem sozinho durante uma hora?

Ele teria feito este mundo e o outro por ela, como é óbvio. Teria desistido de ver os Ex Post Facto, se ela quisesse, ou fosse qual fosse o nome que usavam agora. Mas em que pé ficava, se o que ela queria era que ele não fizesse nada?

– Que porra é esta, Sam? Pensei que querias passar o fim de ano *comigo*.

– E quero, mas vou-me sentir uma merda se tu perderes a primeira parte e eu queria só... tenho de resolver um problema que não posso continuar a adiar. – Por detrás da parede insonorizada do armazém, um toque de tambor assinalou uma mudança de música gravada para música ao vivo. – Vai começar. Ficas bem? – Ela virou-se para o porteiro. – Bala, tomas conta aqui do Charlie?

– Ele não sabe tomar conta de si próprio? O Charlie é atrasado mental ou quê?

– Foda-se para isto – disse Charlie, sem se dirigir a ninguém em especial.

<sup>4</sup> O verão de 1976, em que os Estados Unidos comemoraram os duzentos anos da Declaração da Independência. (*N. da T.*)

– Bala...

O porteiro esticou o braço e, com o polegar e o indicador enormes a fazer de pinça, levantou a aba do chapéu do avô para que Charlie conseguisse ver-lhe os olhos.

– Sabes que estou só a mangar contigo, chefe.

Charlie ignorou-o por completo, concentrado em Sam.

– O que é feito daquele teu «Preciso de ti, Charlie»?

– Mas eu preciso de ti, Charlie. Vou precisar de ti. Ouve, se eu não estiver de volta às onze, vai à minha procura. Vai ter comigo à meia-noite menos um quarto aos bancos junto da estação do metro da Rua 72. Sabes onde fica?

– É claro que sei onde fica. – Não fazia a mínima ideia de onde ficava.

– Seja como for, eu juro que celebramos o Ano Novo juntos. – A palma da mão dela entre a aba do chapéu que protegia as orelhas e a face dele foi como um lago fresco num dia quente. Depois, afastou-se às arrecuas e, pela primeira vez desde o cais do comboio, ela pareceu, de facto, vê-lo. Apesar dos segredos que continuava claramente a esconder de Charlie, ele quis acreditar nela. Quis acreditar que era possível aquela criatura selvagem e livre precisar dele. Mas ela foi-se embora. Bala, o porteiro, abriu a porta de par em par. Charlie lembrou-se de um carro com as portas abertas a atravessar o parque de estacionamento da escola, a fugir sem que ele o conseguisse alcançar enquanto vozes no interior diziam: *Anda, Weisbarger. Entra*. Mas isso já não era real. Tal como já não era real ter beijado Sam, na cave daquela casa esquisita na Rua 3 Leste, há meses e meses. O que era real, no vazio que ela deixara, era a recordação da pele dela na sua e a música troante que saía da goela da *boîte*.